A HISTORIOGRAFIA SEGUNDO HAYDEN WHITE (1928 -)

META

Caracterizar o pensamento historiográfico de Hayden White.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

elencar e explicar os principais aspectos do pensamento historiográfico de Hayden White.

INTRODUÇÃO

Hayden White, o autor a ser estudado hoje, como o anterior, faz uma reflexão sobre a natureza do discurso histórico. Ou, noutros termos, uma reflexão sobre o que caracteriza uma obra de história, um texto historiográfico. O que é, intrinsecamente, um relato histórico? Nos termos de White, qual o "status" da narrativa histórica, considerada exclusivamente como "artefato verbal"? De modo explícito, o autor responde que um texto historiográfico é, fundamentalmente, uma narrativa urdida pela linguagem figurada (ou tropos). Ou seja, a linguagem constituinte da historiografia não é uma linguagem objetiva, neutra, transparente. Ao contrário, é linguagem que semantiza, prefigura os fatos narrados. O historiador vê os fatos como metáfora, metonímia e ironia.

Qual o significado da Revolução Francesa, do Descobrimento do Brasil ou da Inconfidência Mineira? Os tropos – conforme White – fornecem os esquemas perceptivos básicos da intelecção historiográfica. São meios básicos da percepção, que permitem ao historiador atribuir sentido aos fatos. O sentido não vem dos fatos, mas do pesquisador, do sujeito da pesquisa. A forma de ordenar a narrativa também não é imposta pelos fatos. O historiador ordena os eventos em conformidade com os esquemas oferecidos pela ficção: comédia, tragédia, farsa, sátira etc. Os fatos ganham sentido em consonância com o ordenamento ou disposição na narrativa. Assim sendo, no entender do autor, tropo e enredo são os fundamentos gnosiológicos de qualquer relato historiográfico. São componentes essenciais. O tropo determina como os fatos serão encarados, e o enredo, como eles serão ordenados, dispostos, encadeados.

QUESTÕES DA META-HISTÓRIA OU TROPOLOGIA

White aponta as dificuldades de os praticantes de uma dada disciplina escreverem a sua história. Nessas condições, o historiógrafo da disciplina evitará fazer perguntas incômodas sobre ela. É esse o caso da meta-história. Ela formula questões do tipo: O que caracteriza a consciência histórica? Qual a natureza da explicação histórica? Quais as bases e as formas do saber histórico? Qual a confiabilidade dos textos históricos? A meta-história é uma reflexão crítica sobre os fundamentos do conhecimento histórico. É uma análise do que é, de fato, um texto de história, ou seja, a historiografia. É a historiografia no espelho, tomando consciência de si mesma. É o autoexame mental de Clio.

A NATUREZA DA HISTORIOGRAFIA, CONFORME FRYE E COLLINGWOOD

a) Para o teórico da literatura Northrop Frye, é possível discernir história e ficção, fato e fantasia, como dois campos ontologicamente distintos, diferenciados. Os historiadores só caem no "mítico" quando se distanciam muito dos fatos e "voam" para abstrações, para as "filosofias da história", "esquemas" muito abrangentes sobre o devir histórico. É o caso de Santo Agostinho, Hegel, Marx, Nietzsche, Spengler e outros. Assim sendo, "cair" no mítico é uma distorção da historiografia. É uma eventualidade, não uma fatalidade. No entanto, diz o autor, todo texto historiográfico é, no fundo, uma codificação ou tipificação dos fatos do mesmo modo que a ficção literária. Ou seja, os eventos são "enquadrados" numa forma mítica pela "urdidura do enredo". Ao enredar os eventos, o pesquisador se vale de esquemas vindos da ficção. A obrigação de dar sentido mitifica a historiografia, reitera White.

b) Em seguida, White examina a visão do teórico R.G. Collingwood. Para esse pensador, o trabalho do historiador consiste em descobrir os "sentidos latentes" implícitos nos fatos históricos (ideias subjacentes aos fatos). O sentido estaria lá aguardando o pesquisador para desvendá-lo.

Para White, não é isso que ocorre: os fatos somente se convertem em historiografia (dotados de sentido) quando enredados pelo historiador. O sentido não está lá, nos fatos, mas é "injetado" pelo historiógrafo. Os acontecimentos ganham "sentido" somente quando manipulados pelo pesquisador. Isto é, caracterizados, subordinados, realçados, tonalizados pelo historiógrafo. Noutra palavra, urdidos num enredo tal como uma peça teatral ou um romance. Nessa perspectiva, os fatos históricos não são, por exemplo, intrinsecamente trágicos ou cômicos. É o enredo tramado que os fará assim. Lembra-se do filme Carlota Joaquina? No filme, fatos "sérios" da história do Brasil são tratados sob ótica cômica, o que desagradou a alguns especialistas da história. Pense como os novos livros didáticos de história contam a história do Brasil ou focam os "heróis" do nosso passado.

O PAPEL DOS "TROPOS" NA HISTORIOGRAFIA

White inicia esse tópico demonstrando as muitas possibilidades de enredar a história. Lembra que tais modos de configurar o relato não são imanentes aos próprios eventos; existem apenas na mente do historiador. Os modos de enredar a história decorrem da linguagem usada pelo historiador. A linguagem figurativa predetermina as formas de enredar o texto histórico. Assim sendo, o tropo usado para descrever os fatos determina a forma de enredar o passado relatado. Os fatos não possuem significados

inerentes. Um fato histórico não é congenitamente metafórico, metonímico ou irônico. É o historiador que os figura enquanto tais. Os sentidos vêm do pesquisador, e não dos fatos. O que você acha disso? Como vê a questão ? Já pensou sobre isso? O Descobrimento do Brasil é metáfora ou metonímia?

E o que ocorre com os relatos de Jules Michelet (1798-1874) e Aléxis Tocqueville (1805-1859) sobre a Revolução Francesa? O primeiro enreda a Revolução no formato de romance. Tocqueville "formata" a sua Revolução como tragédia. Romance e tragédia são duas formas de enredar oriundas da ficção literária. A tragédia se caracteriza por encenar oposições radicais que só se "resolvem" pelo aniquilamento do protagonista. Lembre-se de Édipo ou de Romeu e Julieta... Já o romance traz como marca a pluralidade e a simultaneidade geográfica. Os conflitos se equacionam de modo menos radical que nas tragédias.

Pergunta White: o que determinou a "opção" dos autores pelos dois modos distintos de enredar a Revolução Francesa? Responde: Michelet e Tocqueville teceram a história da Revolução na forma de "romance" e de "tragédia" respectivamente, porque, antes de enredar, os dois historiadores apreenderam os fatos como metáfora e como metonímia. Ou seja, enquanto Michelet leu os fatos da Revolução como sendo uma representação figurada marcada pelo transporte do nome de uma coisa para outra (ex: "Fulano é um doce de pessoa"), Tocqueville os leu como tragédia, como metonímia, ou seja, emprego de vocábulo por outro tendo em vista a relação de contiguidade (ex: tocar Mozart, ler Machado de Assis, tomar um madeira, pedir a mão em casamento, ter um teto). Observe: os fatos não são intrinsecamente metafóricos ou metonímicos. É o investigador que os configura assim.

Em síntese, ao contrário da visão tradicional que pensa ficção como representação do imaginável ou imaginário, e a história como representação do real ou factual, argumenta White: o real do passado só nos é acessível comparando-o ou equiparando-o ao imaginável. Noutros termos, só conhecemos o passado mediados pela prefiguração da linguagem. Somente com essas lentes podemos conhecer o mundo do passado, o universo do acontecido. Imagine um historiador do futuro... Deverá focar o primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2002-2006) como metáfora, metonímia ou ironia? Como enredar tal fato da história política nacional ? Como tragédia ou como farsa?

O PAPEL DO ENREDO NA HISTORIOGRAFIA

Conforme White, o historiador codifica os eventos através de esquemas perceptivos tirados do contexto, da cultura do autor e do seu público: formas de enredar. Assim fazendo, o historiador torna familiar o exótico. Estou lendo um romance, uma tragédia, uma comédia ou uma sátira. O

passado, no texto, é configurado em conformidade com esses esquemas de percepção fornecidos pela ficção: arquétipos narrativos. Enfim, a ficção literária fornece ao historiógrafo os esquemas mentais básicos com os quais ele configura os fatos históricos num enredo específico. O significado do fato depende do seu lugar no enredo. Pense nas sequências de um filme, no papel da montagem na construção do relato fílmico. Um paralelo do papel do enredo na historiografia com o papel da montagem na narrativa fílmica pode ser elucidativo. Conforme o cineasta russo Sergei Eisenstein (1898-1948), a montagem é fundamental na construção do sentido num filme. A sequência das imagens cria sentidos distintos daqueles de imagens isoladas autônomas. Imagine a seguinte sequência fílmica. 1º - Bois são encaminhados ao matadouro; 2º - Os operários se distribuem numa linha de produção de uma fábrica... (Eisenstein, S. A forma do filme. Rio de Janeiro: Zahar, 2002).

As narrativas históricas evocam (na mente do historiador) similaridades entre o passado (indicado nas fontes) e as “estruturas” fornecidas pela ficção: tragédia, romance, sátira... etc. Ou seja, os fatos históricos são “traduções” dos eventos em ficção (formas de enredar e de conhecer). Diferentes enredos conferem diferentes sentidos aos eventos evocados. Portanto, o cerne do conhecer historiográfico é submeter o passado (fatos passados) a esquemas narrativos oriundos da ficção, formas imaginárias. Nesse sentido, o historiador ficcionaliza o passado, diz White.

EFEITOS DA CONCEPÇÃO TROPOLÓGICA DO SABER HISTÓRICO

“Dada a natureza figurativa dos textos historiográficos, há um fundamental elemento ficcional” na historiografia. O historiógrafo, como o romancista ou o poeta, dá sentido aos fatos, tem muitas coisas em comum com os ficcionistas.

Por outro lado, entender a história tropologicamente não faz dela algo inútil. A historiografia, como a ficção, ilumina o mundo em que vivemos, é uma das nossas formas de consciência.

Tal consciência tropológica também nos sensibiliza para a dimensão ideológica do nosso próprio discurso. É fator de autoconsciência e autocrítica.

OBRAS DE HAYDEN WHITE

WHITE, Hayden. Meta-história. São Paulo: EDUSP, 1992. (Ed. original 1973)
WHITE, Hayden. Trópicos do discurso. São Paulo: EDUSP, 1994.
WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da História. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 13, p. 23-48, 1994.
WHITE, Hayden. Enredo e verdade na escrita da História. In: MALERBA, Jurandir (Org.) A História escrita. São Paulo: Contexto, 2006. p. 191-210.

CONSULTAR SOBRE HAYDEN WHITE

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Crítica de duas questões relativas ao anti-realismo epistemológico contemporâneo.** v. 2, n.2. Maringá, Diálogos. 1998, p. 47-64,
GINZBURG, Carlo. O extermínio dos Judeus e o Princípio da Realidade. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **A História escrita**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 210-232.
GINZBURG, Carlo. Expharasis e Citação. In: **A micro-história e outros ensaios.** Lisboa: DIFEL, 1991. p. 216-232.
HUGUES -WARRINGTON, Marnie. Hayden White. In: **Cinquenta grandes pensadores da História**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 387-394.
SHAPOCHNIK, Nelson. **As figurações do discurso da História**. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **A velha História**. Campinas: Papirus, 1996. p. 169-178.

TEXTOS BÁSICOS

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. Trópicos do Discurso. São Paulo: EDUSP, 1994.p. 97-116.
WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 21-48, 1994.

TEXTOS SUPLEMENTARES

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. As figuras de linguagem. São Paulo: Ática, 1989.
MOISES, Massaud. Dicionário de termos literários. Ed. rev. e aum. São Paulo: Cultrix, 2004.

ATIVIDADES

1. Como Hayden White encara o texto histórico ou a chamada "síntese histórica"?
2. Conforme o autor, como a "linguagem figurativa" prefigura as formas de "pôr em enredo" da historiografia?
3. Por que o sentido dos eventos narrados decorre da linguagem usada pelo historiador, e não dos próprios fatos?

CONCLUSÃO

Em síntese, para White, o cerne da historiografia (o sentido) é um efeito de linguagem, um produto do imaginário. O discurso da historiografia fala mais do historiador do que dos fatos passados. Tropo e enredo são o fundamento constituinte da inteligência historiográfica. Assim sendo, a retórica revela mais a natureza da história do que a epistemologia. Por fim, conceber de tal modo a historiografia contribui para a consciência dos historiadores quanto ao seu ofício. Não implica banalizar o discurso histórico: o autor quer despertar os historiadores para o que fazem quando atribuem significado aos fatos (tropos) e os ordenam numa forma narrativa (enredo). White quer mostrar, enfim, o peso da linguagem na feitura da historiografia.

RESUMO

Nesta aula, vimos que Hayden White faz uma reflexão sobre o que caracteriza um texto historiográfico e afirma que ele é, fundamentalmente, uma narrativa construída pela linguagem figurada (ou tropos), que esta fornece os esquemas básicos que permite ao historiador atribuir sentido aos fatos e ordenar os eventos. No entender do autor, tropo e enredo são componentes essenciais do relato historiográfico. O tropo determina como os fatos serão encarados, e o enredo, como eles serão ordenados, dispostos, encadeados. White afirma que, do mesmo modo que a literatura, a historiografia é também uma codificação ou tipificação dos fatos. Ou seja, ao enredar os eventos, o pesquisador se vale de esquemas vindos da ficção. Para o autor, o sentido não está nos fatos, mas é nele "injetado". O autor fala ainda sobre as muitas formas de enredar a história (como a tragédia e o romance), lembrando que tais modos de configurar o relato não são imanentes aos próprios eventos. Eles existem apenas na mente do historiador e cada um deles dá um novo sentido ao texto historiográfico. No entender de White, somente a partir das lentes da prefiguração da linguagem que podemos conhecer o mundo do passado. Assim, a essência historiografia é submeter os fatos a esquemas narrativos oriundos da ficção, formas imaginárias. Nesse sentido, o historiador ficcionaliza o passado. Por fim, o

autor afirma que a consciência tropológica nos sensibiliza para a dimensão ideológica do nosso próprio discurso. Ela desperta nos historiadores para o que fazem quando atribuem significado aos fatos (tropos) e os ordenam numa forma narrativa (enredo).

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ciro Flamarion. Crítica de duas questões relativas ao anti-realismo epistemológico contemporâneo. **Diálogos.** Maringá, v. 2, n. 2, 1998. p. 47-64.

GINZBURG, Carlo. O extermínio dos judeus e o princípio da realidade. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **A História escrita.** São Paulo: Contexto, 2006. p. 210-232.

GINZBURG, Carlo. Expharasis e Citação. In: **A micro-história e outros ensaios.** Lisboa: DIFEL, 1991. p. 216-232.

HUGUES WARRINGTON, Marnie. Hayden White. In: **Cinquenta grandes pensadores da história.** São Paulo: Contexto, 2002. p. 387-394.

SHAPOCHNIK, Nelson. As figurações do discurso da História. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **A Velha História.** Campinas: Papirus, 1996. p. 169-178.